



LIZIENE DIAS

LIZI, UM RISO QUE ABRAÇA

Flávia Lisboa

Psicóloga (UFRJ) do Departamento Geral de Ações Socioeducativas do estado do Rio de Janeiro (desde 2013). Doutorado em Psicologia pela UFRJ. Colaboradora do Núcleo de Psicologia e Socioeducação do CRP-RJ. Pesquisadora no campo da juventude, racismo, criminologia, justiça, violências, políticas públicas, saúde e socioeducação.

Estava voltando pra casa, numa terça-feira, depois de alguns atendimentos, quando recebi a “proposta-convite” de escrever uma homenagem a uma pessoa negra, como parte da próxima edição da Revista Aú. Passei algum tempo refletindo sobre quem eu escreveria. Quem eu gostaria de homenagear e o que gostaria de dizer? Certa vez me foi colocado um desafio parecido como esse: diga a uma pessoa que você a admira. Desde então passei a reparar como, em nossos cotidianos acelerados, muitas vezes silenciemos nossos afetos e poucas vezes dizemos às pessoas como elas são importantes pra nós. Optei, portanto, em fazer dessa homenagem uma resposta a esse desafio: dizer a uma mulher preta que eu a admiro, que ela é uma referência para mim. De quebra, gritamos pro mundo todo saber sobre ela e pensar no quanto dizemos às mulheres pretas das nossas vidas o quanto elas são fodas e o quanto suas existências são necessárias.

A questão da referência é vivida de um modo bem específico pelo povo preto. Uma das estratégias mais violentas do racismo é o apagamento da

história e memória das pessoas negras. Outra estratégia é a construção do imaginário social de que tudo que é negro é ruim, associando o ser negro(a) a noções de feio(a), de sujo(a), de algo que não deve ser dito, nem desejado. Pessoas negras, homens e mulheres, são associadas a diversos estereótipos do que não se deve ser. Portanto, pessoas negras crescem aprendendo a ter como referências positivas somente pessoas brancas. Onde estão os homens e mulheres negros e negras com suas qualidades e suas conquistas? Reis, rainhas, princesas, presidentes, heróis, donos das empresas, chefias, bons profissionais, médicos, professores, artistas, músicos, entre outras tantas funções possíveis no mundo? Nos livros, novelas, imagens, clipes de músicas, desenhos e bonecas, negros e negras não estão lá como referência nas histórias que são contadas. Até no nomes das cores - “cor da pele”, pele de quem?

Há algum tempo, a luta de pessoas negras consiste em construir e visibilizar histórias e memórias de tantas pessoas negras que são referência de luta, de conquista, de qualidades, de habilidades das mais diversas e de inspiração. Nesse processo de apagamento das referências, muitas vezes o que enfrentamos, como efeito desse racismo, é a experiência do não-ser, como Fanon nos descreveu. Trata-se da experiência de nadificar-se. São muitos caminhos possíveis: um auto-ódio; uma insegurança que sustenta a crença de ser incapaz de tudo; nunca sentir-se boa o suficiente; trabalhar incansavelmente na busca de perfeição, beirando altos níveis de exigência e autocobrança, dentre diversas outras formas de se perceber no mundo. De um modo geral, pessoas negras não se percebem como sendo boas o suficiente para serem referências para outras pessoas.

O espaço Aruanda nos dá a brecha pra gente fugir desse ciclo tão nadificante. Eu poderia ter escolhido falar de pessoas que já são grandes referências, apesar de também terem sofrido com esse apagamento. Pensei em Franz Fanon, que tanto me chacoalha com seus escritos em Psicologia, em especial quando ele descreve sobre “a experiência vivida do negro”, ao receber ataques racistas que chegam no corpo e dilaceram de tantas e tantas formas. Pensei em falar sobre Marielle Franco, pelo modo como ela ocupou, em vida, lugares nunca concebidos para mulheres negras e periféricas. E como ela segue sendo referência e memória pra tantas pessoas, apesar de sua morte. Mas tomei essa proposta como uma oportunidade de referenciar uma pessoa ainda em vida, que faça parte da minha história, quem sabe assim ela possa se reconhecer como referência. Nessa escolha também está o fato de ser uma mulher negra do próprio DEGASE, quem sabe assim nosso Sistema valorize essas potências que fazem tanta diferença no Departamento? Lívia, Flávia, a Lopes e a Santos, Jussara, Grazi, Fernanda, Rejane, a Dias e a Costa, e uma lista longa de mulheres que também são grandes referências. Mas aqui eu escolhi falar de Liziene Dias.

Liziene Dias é Assistente Social do Departamento desde 2012. Entrou na primeira turma desse último concurso. Nos conhecemos em minha passagem pelo CENSE Dom Bosco. Era agosto de 2019, eu cheguei pra atuar na equipe técnica de internação provisória e ela estava na referência de medida de internação e nos cruzávamos nos espaços comuns das equipes. Mas nosso maior vínculo foi construído um pouco depois, nos tempos que trabalhamos juntas no CENSE Maria Luiza - após uma rebelião ocorrida em maio de 2020, quando houve o desmembramento das duas execuções e a parte da internação provisória foi deslocada para outro espaço, com porta de entrada, alojamentos, muros, equipes e direção diferenciadas. Eu segui direto para o Maria Luiza, Lizi chegou alguns meses depois.

Foi na sua parceria que vivi a experiência mais alinhada com a Socioeducação desses meus onze anos no Sistema. Conviver com Lizi é partilhar a luta com doses contagiantes de uma vontade da vida. Parece que toda a dureza que o DEGASE impõe, Lizi quebra com sua boa energia imponente. E o ambiente segue com ela: era um bom dia, um bom papo, uma conversa que se interessava em saber como o outro estava. Lizi era bem recebida por todos e eu admirava sua capacidade de agregar pessoas.

Essa sua movimentação foi fundamental pra abrir um espaço de escuta, diálogo e articulação, o que era um grande diferencial da atuação no Maria Luiza. A richa que se conhece entre os “seus” e “as donas técnicas”, Liziene a derrubava com maestria. Com a compreensão da atuação técnica para além da caixinha do atendimento-relatório, era uma peça fundamental pra essa costura entre todos os setores da unidade e conseguia contribuir gigantemente com o cotidiano institucional.

Por um movimento próprio da vida, Lizi acabava responsável pelos casos mais complexos, carregados de histórias de violência, sofrimento e abandono. Nosso dia em comum era a sexta-feira e a gente tinha um ritual de se acolher quando descíamos dos atendimentos. Era um espaço de compartilhar os casos, desabafar, acolher, e pensar junto as intervenções possíveis. Lizi não é da Psicologia, mas tem sensibilidade melhor que muita psi por aí.

Apreendi tanto com ela. Sua bagagem profissional, o conhecimento sobre o campo dos direitos, das políticas públicas, sua capacidade de articular os diferentes órgãos e setores, dentro e fora do DEGASE, de brigar pela garantia de direitos. Além disso, Lizi trazia uma experiência de trabalho na atenção básica que voltava sempre nosso olhar pra saúde. Mas uma das coisas que mais admiro é que toda sua sabedoria vem da experiência que tem nos tantos campos de trabalho e, principalmente, pelo comprometimento e dedicação com que se debruça em cada um deles, mas pela inten-

cidade com que vive no mundo. Seu conhecimento vem do chão, de onde seus pés pisam. Não é de discurso propagado, de palavra lida. É de estrada percorrida. É de terra plantada pelas próprias mãos.

Lizi é dessas pessoas que brilham, que encantam, que preenchem o espaço e a nossa vida. É beleza imponente. É força e sensibilidade que caminham de mãos dadas. E que te fazem querer caminhar com ela. É risada que te abraça e parece querer te levar junto. É também a mãe do Mateus, e por todo o desafio de um maternar solo, sabe a importância do cuidado nas relações que ela estabelece. Lizi é de Campo Grande e transborda a Zona Oeste do Rio de Janeiro onde quer que ela esteja. Lizi carrega em seu corpo e em sua história toda reverência que a ancestralidade negra e indígena trazem. Mas Lizi também carrega tantas marcas que fazem com que ela mesma não se veja assim. Quando disse que escreveria sobre ela em uma homenagem, sua resposta foi: “não sei se mereço tanto”. Mas Lizi é gigante demais pra caber nesse texto.

É uma mulher que segue na luta e que me serve como inspiração, inicialmente pela profissional que representa, mas principalmente pela maneira como leva a vida e pelo potencial que ela transborda.

Liziene não é do Candomblé, mas reverbera a adaga¹ das iabás que afrontam na luta. É uma mulher de batalha, desde que a conheço está na corrida, pelo sustento e melhoria da sua vida e dos seus. Mas sua luta também ecoa o senso de justiça de Xangô, com preocupação com todos à sua volta, com todos os que necessitam, com intolerância com todas as formas de violência, desigualdade e injustiça. Não à toa passou no concurso pra trabalhar no Tribunal de Justiça, onde encara cotidianamente a branquitude que impera no Sistema de Justiça e faz da sua atuação um oxê² tão necessário.

Não canso de agradecer aos ventos pela oportunidade desse encontro. Meu desejo é que todo mundo tenha uma Lizi pra fazer da vida um lugar melhor!

NOTAS

1. Um tipo de espada, ferramenta de guerra.
2. Ferramenta de Xangô, um machado que corta pros dos lados, simbolizando a luta pela Justiça.

IMAGENS

1. Acervo da homenageada